

ATIVIDADE PRÁTICA NO ENSINO DE CIÊNCIAS: A EXPERIÊNCIA DO USO DA FLOR

JÉSSICA BLANK LOPES¹; THAÍS RUAS VIEGAS²; GABRIELA MANZKE COSTA³

¹Instituto Federal Sul-Rio-Grandense - Campus CaVG– Jessblopes@hotmail.com

²Instituto Federal Sul-Rio-Grandense - Campus CaVG– thaisviegas@msn.com

³Instituto Federal Sul-Rio-Grandense - Campus CaVG– gabrielarmcosta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ensinar Ciências para os anos iniciais do ensino fundamental tem como princípio proporcionar aprendizagem de conhecimentos que estejam presentes à realidade de seus alunos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências Naturais (BRASIL, 1997), o fato da maioria da população conviver com produtos científicos e tecnológicos, não quer dizer que possuam capacidade de refletir sobre as questões que permeiam sua criação ou até mesmo produção.

O Ensino de Botânica na disciplina de Ciências pode ser marcado por diversos entraves, entre eles, o desinteresse dos alunos e a falta de desenvolvimento de aulas práticas e recursos didáticos voltados para um maior aproveitamento deste estudo (SILVA, 2008).

Segundo ARRUDA; LABURÚ (1996), a construção do conhecimento em Botânica é prejudicada não somente pela falta de estímulo em se observar e interagir com os seres vivos em geral (especialmente as plantas), como também a precariedade de equipamentos, métodos e tecnologias que possam auxiliar no aprendizado.

Aulas práticas constituem uma importante metodologia que facilita o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, principalmente em disciplinas na área de Ciências. O uso de experimentos desperta a curiosidade e o interesse do aluno para com o conteúdo, diferenciando-se do método tradicional. Com o uso de recursos práticos, o aluno consegue aliar a teoria à prática e por vezes, compreender o conteúdo de maneira mais fácil (PERUZZI; FOFONKA, 2014).

Porém, segundo KRASILCHIK (2011) mesmo que a importância das aulas práticas seja muito reconhecida, elas ainda fazem parte de uma parcela muito pequena das aulas ministradas. Uma vez que, segundo os próprios professores, nem sempre há o controle necessário da turma durante a atividade, falta tempo para o preparo de material, as escolas nem sempre dispõem de equipamentos necessários e ainda faltam conhecimentos para organizar experiências diferenciadas.

Com base nestes pressupostos, este trabalho tem como objetivo evidenciar que atividades práticas influenciam no processo de ensino e aprendizagem do conteúdo de Botânica no Ensino de Ciências.

2. METODOLOGIA

Para este trabalho optou-se por uma abordagem quali-quantitativa. Conforme SAMPIERE, COLLADO e LUCIO (2013), a abordagem qualitativa buscar entender a percepção dos alunos em relação a temática em questão, sem generalizar os dados obtidos analisando as falas dos alunos. Os mesmos autores, definem como abordagem quantitativa, a análise dos dados em porcentagem,

observando fatores comuns dentro das respostas, transformando-os assim, em dados numéricos.

A atividade prática foi realizada em duas turmas de 6º ano (6ª A e 6ª B) do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jornalista Deogar Soares. Todo o procedimento foi realizado no laboratório de Ciências da instituição, no horário da aula da disciplina de Ciências e com a presença da professora regente. Uma vez que o trabalho foi realizado com crianças, em nenhum momento da ação foi realizada a identificação dos alunos.

Para as duas turmas foi realizado o mesmo procedimento. Os alunos tiveram contato, inicialmente, com uma aula expositiva no formato de slides. Esse material dispunha de informações diversas referentes a temática em questão, adequada ao conteúdo de Ciências e com linguagem apropriada para o grau de escolaridade do grupo. Questionamentos relacionados a importância das flores, dentre eles o valor destas para a reprodução das plantas, modos de uso na nossa alimentação e fatores econômicos foram abordados de maneira mais teórica e apenas na apresentação.

Na segunda parte, a atividade tornou-se mais prática, utilizando-se de diversas flores previamente coletadas para o uso em sala de aula. Questionamentos relacionados a nomes de flores que eles conheciam, porque as flores são tão coloridas e perfumadas e por fim, realizou-se a identificação das partes principais das mesmas. Todos os alunos ganharam uma flor de Azaléia (*Rhododendron simsii*) para fazer a análise junto com a professora, pois conforme LOUREIRO, LIMA (2013) a espécie é indicada para aulas práticas por se tratar de uma flor completa, ou seja, que apresenta todas as estruturas em uma mesma flor. Ao final da atividade, os estudantes deviam nomear em uma imagem as partes da flor que lhes fora apresentada anteriormente (sépalas, cálice, pétalas, corola, anteras e pistilo) e, responder aos dois seguintes questionamentos:

- A) O que você achou da aula de hoje?
- B) Qual parte você mais gostou?

Por fim, os questionários foram separados por ordem de entrega e posteriormente analisados em relação ao número de acertos quanto as partes estruturais da flor e a satisfação dos alunos com a atividade prática, assim como, não foram considerados os erros ortográficos dos alunos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira turma (6º A) contou com a presença de 23 alunos, enquanto que na segunda turma (6º B), o número de estudantes participantes na atividade foi de 16 alunos, totalizando assim, 39 partícipes na presente atividade. Com relação primeira atividade, onde nomearam as estruturas florais apresentadas em aula, do total de participantes, aproximadamente 72% acertaram todos os questionamentos. Enquanto que, cerca de 28% errou ao menos uma estrutura da flor.

Esses valores vão de encontro ao que diz PILETTI (2001) quando evidencia a realização de atividades práticas é muito importante no processo de aprendizado, haja vista que, as metodologias de ensino devem acompanhar as constantes transformações em que vivemos atualmente, portanto, fazendo com que os alunos venham a aprender, fortalecer e compreender o novo conhecimento adquirido, uma vez, a atividade foi o primeiro contato dos estudantes com a temática discutida. Assim como, de acordo com PRIGOL (2008), a atividade prática nada mais é do que uma maneira de estimular a curiosidade do aluno em relação ao conteúdo.

Os erros ocorreram, em sua maioria, enquanto deveriam nomear as partes reprodutivas (anteras e pistilo) da flor, termos estes, que não fazem parte do cotidiano da grande maioria dos estudantes das séries iniciais. Para BIZZO (2000) isto ocorre, pois, o conhecimento científico, assim como alguns termos do vocabulário botânico passam a fazer parte da vida desses estudantes apenas quando eles iniciam a vida escolar. Assim sendo, as expressões utilizadas no dia-a-dia, como por exemplo “pétalas”, onde não se observou nenhum erro, se sobreponham a termos da linguagem científica escolar.

As duas turmas, no momento em que são questionadas sobre o que acharam da aula, de modo unânime, dizem que a aula foi considerada boa, como por exemplo: “*Eu achei a aula muito boa* (ALUNO 04A)”, “*Muito boa, aprendi bastante* (ALUNO 07B)” ou ainda, considerada uma novidade: “*Uma novidade, interessante, diferente* (ALUNO 11A)”, “*Diferente, interessante e legal* (ALUNO 05B)”. Nenhum aluno considerou a atividade insatisfatória, ruim ou citou qualquer aspecto negativo relativo a atividade proposta.

Sendo assim, com base na quantidade de respostas corretas durante a atividade e, também, baseada na opinião dos alunos participantes, esta atividade foi considerada satisfatória dentro do contexto de atividade prática para o Ensino de Ciências, em especial, para o Ensino de Botânica.

4. CONCLUSÕES

Observamos que, para os alunos do 6º ano da Escola Deogar Soares, as atividades práticas servem como um interessante instrumento para o despertar do interesse dos mesmos em sala de aula, uma vez que, os conhecimentos botânicos trabalhados até então, se deram apenas na forma tradicional de ensino.

Por se tratar de um estudo envolvendo apenas uma escola e um número relativamente pequeno de alunos, os dados aqui obtidos não podem ser generalizados, constituindo-se assim, em um caso particular da escola trabalhada.

Mesmo se tratando de uma particularidade observamos que atividades práticas não precisam necessariamente se utilizar de um laboratório, em vista que, foram utilizados apenas materiais que poderiam ser manejados em qualquer espaço ou mesmo na própria sala de aula.

Através dos resultados satisfatórios obtidos em ambos questionamentos, foi possível demonstrar que, neste caso específico, atividades práticas são excelentes recursos para auxiliar no processo de aprendizagem do conteúdo de Botânica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, S.M. & LABURÚ, C.E. **Considerações sobre a função do experimento no ensino de Ciências**. Pesquisa em Ensino de Ciências e Matemática 5: 14-24, 1996.

BIZZO, N. **Ciências: fácil ou difícil?** São Paulo: Ática, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais**/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3ª ed – Brasília: A Secretaria, 1997.



KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. LOUREIRO, M.B. LIMA, M.E.C.C. **Trilhas para Ensinar Ciências para Crianças**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

PERUZZI, S. L.; FOFONKA, L. **A importância da aula prática para a construção significativa do conhecimento: a visão dos professores das ciências da natureza**. Revista Educação Ambiental em Ação. Número 47, Ano XII, Março-Maio, 2014. ISSN 1678-0701. Online. Acessado em 8 de maio de 2017. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1754>

PILETTI, N; **Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental**. 26 ed. São Paulo: Ática, 2001.

PRIGOL, S; GIANNOTTI, S.A. A Importância da Utilização de Práticas no Processo de Ensino-Aprendizagem de Ciências Naturais Enfocando a Morfologia da Flor. **1º SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. XX SEMANA DA PEDAGOGIA**. Cascavel, 2008. Unioeste

SAMPIERI, R.H; COLLADO, C.F; LUCIO, M,P,B. **Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, P.G.P. **O ensino da botânica no nível fundamental: um enfoque nos procedimentos**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2008.